

Dia 5

O dia de hoje foi um tanto diferente do esperado. Comecei o dia com um dos guardas reais me entregando duas cartas. Uma delas era de Henry, dizendo que tinha sido selecionado para escoltar uma celebridade no outro lado da ilha. Fiquei preocupado com isso, mas confiei em meu pai — que escolhe os soldados nestas missões.

Eu gosto de dizer que Henry vai ficar bem pois sua família sempre foi muito corajosa. Ele cresceu em uma família de pescadores humildes, sendo apenas ele, seu pai, sua mãe e sua irmã. Isso mesmo que você ouviu, ele tem uma irmã. O nome dela é Mary, a menina que mesmo sendo muito nova, partiu para o mar querendo navegar.

Mesmo sabendo de tudo isso, não posso deixar de me preocupar com ele, pois missões nesta ilha, mesmo das mais simples, acabam sendo perigosas até para algum herói grego vindo direto das mitologias. Gosto de compará-lo à Perseu Jackson, que sempre batalhou muito pelo que quis conquistar e sempre batalhou por seus amigos.

A outra carta que recebi estranhamente era de meu pai. No início fiquei surpreso, pois estávamos a poucos quartos de distância. Quando vi o conteúdo da carta, fiquei mais confuso ainda. Ele tinha marcado uma reunião urgente no palácio — o que era de extrema raridade. A reunião começava em 30 minutos e eu recém tinha acordado. Tinha que me arrumar e estar lá no tempo certo. Com um pouco de perrengues — como derramar pasta de dente no corredor inteiro —, consegui chegar a tempo na reunião.

Estávamos eu, meu pai, minha mãe e os três integrantes do conselho real — aconselha o rei sobre as decisões a serem tomadas — sentado em uma mesa quadrada, esticada por cerca de 5 metros. Em uma das laterais, estavam eu, meu pai, minha mãe e a cadeira vazia de minha irmã. Nas extremidades, se localizavam guardas prontamente armados. Já na outra lateral, estavam os membros do conselho.

Meu pai deu início à reunião. Todos pareciam sérios, e como não sabia do que se tratava, tentei manter a postura dos demais. A pauta principal era algo que eu desconhecia até o momento, mas depois nunca mais iria esquecer.

— Então — começou meu pai —, hoje iremos discutir sobre o caso de Andrew

Fiquei confuso, pois lembrei que Henry já tinha me falado aquele nome. Não me era estranho.

— Vou começar falando do que aconteceu — continuou —. Ontem à noite, recebi a triste notícia de que um aldeão do nosso reino tinha sido encontrado morto perto do reino de Aonie. Mandei uma tropa para investigar e, pasmem, era o nosso amigo Andrew.

Não fazia a menor ideia de quem era este aldeão, mas acompanhei os outros fazendo uma cara de profunda tristeza.

— Acontece que, Andrew era um dos nossos melhores pescadores. Era pai de um jovem soldado chamado Henry.

Na hora eu não consegui acreditar, minha cara desacompanhou as demais por um segundo. Como assim o pai de Henry tinha sido morto? Então por isso ele saiu em uma missão?

— Mandei-o em uma missão pela manhã, para depois ver como posso lidar com a situação.

— Com licença, pai — interrompi seu discurso —, mas o senhor teria mais detalhes da morte de Andrew?

— Infelizmente a tropa que mandei ainda não retornou com a perícia. Deve retornar daqui a meia hora.

Meia hora? Pensei. Conseguiria eu, do jeito que sou, aguentar meia hora para saber a causa da morte de Andrew?

O resto da reunião foi só as pessoas se sensibilizando e dizendo besteiras de como manter a integridade da nação. Eu estava desligado do assunto. Nada mais me importava naquele momento. Peguei um cavalo e fui para o porto ao norte.

Gosto de ir para lá quando tudo dá errado. Lá fica o memorial da Sabrina. Uma carpinteira que adorava fabricar navios “mágicos”. Não passava de uma lenda, mas ainda assim, Mary insistia que via ela as vezes. Foi naquele momento que pensei em uma coisa. Como Mary iria reagir quando soubesse da notícia? Ela tem uma personalidade um tanto explosiva. Aposto que insistiria em explodir Aonie em pedacinhos de terra. Henry era mais tranquilo, porém iria ficar muito abalado.

Foi com sons estranhos vindo de baixo da terra, que lembrei de nossa infância, de todas as crianças da rua brincando de bola. Eram tempos bons. Lembro-me perfeitamente da carta que Mary escreveu quando se lançou ao mar, da reação de Henry ao ler a carta, lembro-me de quase tudo daquela época.

Querido irmão.

Sei que prometi abandonar meus tempos de delitos, porém precisei descumprir minha promessa.

Hoje à tarde, após a nossa conversa, voltei ao porto para me despedir de James e dizer a ele que jamais poderia segui-lo em sua vida de transgressão, porém fomos surpreendidos por uma invasão do capitão invencível em seu navio e James infelizmente não resistiu.

Sei que prometi conter minha raiva, mas quando aquela cena pavorosa aconteceu diante dos meus olhos não pude me conter.

Quando você ler essa carta provavelmente já estarei bem longe do reino de Noah, pois me tornei o que mais temia: uma fugitiva com sangue nas mãos.

Espero que algum dia você possa me perdoar, Henry.

Sua irmã, Mary.

Quando percebi, já estava de noite e eu estava na beira da praia, relembrando quando recebemos a carta. Até que em um inesperado momento, uma mulher misteriosa apareceu, enrolada em um manto preto.

— Ele morreu, não foi? — disse ela

— Desculpe-me pela interrupção, mas quem é a sra.?

No mesmo momento, a mulher tirou o manto e revelou ser quem eu jamais veria naquele lugar. A mãe de Henry.

Ela estava ali, na mesma costa em que sua filha outrora fora levada para o reino dos piratas. Uma praia com ondas calmas e águas cristalinas. Era possível ver os peixes nadando à olho nu.

— Então, eu respondi sua pergunta. Poderia responder a minha agora?

— Sim..., mas como você sabia? A notícia não foi divulgada para ninguém.

— É que nós fizemos uma promessa há muito tempo, antes das crianças nascerem. O dia em que não recebêssemos notícias um do outro... era um mal sinal.

— Entendo...

Na hora fiquei sem jeito, não sabia como seria perder Henry, por mais que pudesse acontecer pela função que ele exerce no reinado. Logo embaixo de mim, comecei a focar nos barulhos que vinham de baixo da terra.

— Ei, moça. Você sabe o que são estes barulhos?

— Ah, sim. Escuto eles desde que era uma criança. Dizem por aí que são anões que ficam minerando durante a noite.

— Este povo da nossa ilha é bem criativo quanto as lendas urbanas.

— Nisso nós temos que concordar.

E caímos na gargalhada, ficando a noite inteira relembrando as antigas memórias

Dia 6

Eu ainda não acreditava na notícia, com certeza havia algum engano. A equipe de busca ainda não tinha retornado para o reino, o que me fazia perder a paciência. Eles deviam ter retornado ontem à tarde, por que ainda não retornaram?

Mas bem, hoje recebi duas cartas novamente. Uma de Henry, perguntando como eu estava e me atualizando sobre cada detalhe de sua missão. Sempre empolgado, adoro isso nele.

Mas a outra carta era... tinha que ser algo errado. Não podia ser isso. Mary mandou uma carta pedindo notícias.

Continua...